

DIÁRIO DE FRQUENCIA

Hoje, quase toda arte é de fronteira, híbrida, anfíbia nos seus significados, deslizante entre culturas, tendências, meios de expressão. Move-se num território instável, sujeito a chuvas e trovoadas, como também a modismos e pressões mercadológicas, o que leva o artista a agir como se tivesse sempre à deriva, num mar de ismos, em busca de um cais que lhe sirva de apoio temporário. É certo que este caráter fronteiro da arte atual serve também como alibi para toda sorte de dificuldades de ordem técnica expressional.

Não é o caso de Fernando Augusto. Em primeiro lugar porque o desenho, apesar de muito recalcado pela História da arte, como também pelo mercado (ou por isso mesmo), sempre teve esse caráter instável, momentâneo, transitando entre épocas e tendências, mas sem perder sua atualidade, sendo, na verdade, muito mais um processo, um estado de espírito ou mesmo uma atmosfera, do que uma técnica claramente definida ou uma metodologia de criação. Vale dizer que o que é permanente no desenho é sua própria precariedade, a ponto de incorporar à sua poética, como se fosse algo acabado, o croquis, o bosquejo, a garatuja infantil, o graffiti de rua, a anotação, o tracejar inconsciente em meio a outras atividades do cotidiano. Pois o desenho, como escreveu Mário de Andrade, é “menos uma realidade plástica que um conforto espiritual”, ou como já escrevi anteriormente, o desenho você começa aqui, deixa ali, retorna mais tarde, em outro lugar e sobre qualquer suporte, como se fosse poesia em estado puro, capitando e expressando a própria descontinuidade da vida, como seus fluxos e refluxos. Há sempre no desenho um sentido de urgência existencial ou participante, podendo tanto “armar o braço” em protesto quanto trazer à superfície do papel a taquicardia do coração ou da alma.

Nascido na Bahia, Fernando Augusto estudou teatro, atuou como ator e formou-se em Belo Horizonte, pela Universidade Federal de Minas Gerais e, hoje, depois de estagiar algum tempo na Alemanha, reside em Londrina, interior do Paraná, onde ensina desenho e pintura na Universidade Estadual de Londrina, enquanto prepara tese de pós-graduação, na Pontifícia Universidade Católica SP, sobre seu meio de expressão, o desenho.

(...)

Em seus desenhos, pouco mais que croquis, bosquejos, anotações, grafitos, manchas, rabiscos, superposições de textos e imagens inconclusas, Fernando Augusto apresenta fragmentos de uma narrativa que não se esgota nunca, pois que é feita nos intervalos de aula, às vezes no próprio diário de classe, nos vazios ou interstícios de outras atividades, enquanto conversa, enquanto espera, enquanto sonha, divaga, em meio às suas *revéries*. A série denominada Diário de Frequência tem no mínimo um sentido irônico em relação à sua própria atividade de desenhista, na medida em que ela é também

um comentário sobre a pintura. Porque leva para o plano da pintura, qualidades que “seriam” mais próprias do desenho. Essa série indica também a frequência ou habilidade com que o artista desenha, extensão de seu viver e trabalhar é um *journal*, com anotações diárias, na forma de desenhos, quase que instantâneos, de tudo o que se passa dentro dele, no seu cotidiano, na rua, na vida em família, no mundo. Um mundo que é, como a arte hoje, e o desenho, em particular, igualmente frágil, precário, fronteiriço.

FREDERICO MORAIS
Rio de Janeiro , 1995